



## Metalúrgicos espanhóis preocupados com Gerdau

A notícia da venda da siderúrgica espanhola Sidenor para o Grupo Gerdau trouxe uma grande preocupação para os metalúrgicos espanhóis .

Inteirados da venda de 80% da Sidenor por 444 milhões de Euros para um novo grupo controlador formado pelo Banco (espanhol) Santander (40%) e pelo grupo brasileiro Gerdau (40%), os sindicatos representativos do pessoal das fabricas – as centrais nacionais CCOO, UGT e as regionais bascas ELA e LAB, exigiram imediatamente a manutenção do emprego para os 2.300 metalúrgicos espanhóis (1.400 na região basca) e das plantas atuais da siderúrgica.

### Fábrica da Sidenor em Basauri (País Basco)

Eles exigiram, além disso, o compromisso da manutenção dos investimentos planejados para a empresa e o respeito às condições de trabalho contratadas. A principal preocupação dos sindicatos são as praticas trabalhistas da Gerdau e a transferência do centro de decisões para o Brasil.

A empresa foi privatizada pelo governo espanhol a cerca de 10 anos e foi adquirida , na época, pela quantia de 13 milhões de Euros por um grupo investidor basco capitaneado por Sabino Arrieta. O lucro astronômico da operação, representado pela diferença entre o valor da compra (13 milhões de euros) e o valor de venda (444 milhões de Euros) mostra que não apenas no Brasil as privatizações significaram grandes negociatas.

Jorge Gerdau, presidente do grupo empresarial brasileiro, disse em entrevista coletiva que pretende ampliar a capacidade produtiva da Sidenor. Segundo ele, “o grupo surgido dessa operação poderá tornar-se um dos principais fabricantes de aços especiais como fornecedor das montadoras ” e garantiu que “não haverá mudança de fato nas políticas empresariais”, referindo-se ao plano social que a empresa elaborou de comum acordo com os sindicatos e que não pretende realizar nenhum corte no emprego na mesma.

Logo depois de concretizada a operação as direções das fabricas reuniram-se com os seus Comitês de Empresa aos quais comunicaram a venda e ouviram as exigências dos trabalhadores, principalmente de mais garantias e de transparência na operação.

A operação que já estava em debate há muitos meses foi fechada com um preço bastante superior ao preço de avaliação da empresa. Outras empresas siderúrgicas espanholas às quais foi oferecido o negócio (entre elas as do grupo catalão Celsa e especialmente Arcelor), não se interessaram diante dos riscos atuais que envolvem a siderurgia.

A Sidenor controla no Brasil, a Aços Villares, que conta com mais de 3 mil trabalhadores que produziram cerca de 610 mil toneladas de aços longos especiais em suas fabricas em Mogi das Cruzes, Pindamonhangaba e Sorocaba, todas em São Paulo. Na Espanha a empresa tem usinas siderúrgicas em Reinosa, Basauri e Vitoria, no norte do País e duas forjas para estamparia em Madri e Elgeta. seus 2,3 mil trabalhadores produziram 688 mil toneladas de aço especial além de 25 mil toneladas de forjados e fundidos.

Com a aquisição a Gerdau já controla 29 usinas siderúrgicas – dez no Brasil, oito nos Estados Unidos, três no Canadá, duas na Colômbia e uma no Chile e uma no Uruguai.



## **Solidariedade à luta na Gerdau/Ameristeel**

Na Conferencia do Aço da FITIM que se realizou na semana passada em Buenos Aires, os delegados proclamaram sua solidariedade aos trabalhadores despedidos por locaute na fabrica da Gerdau/Ameristeel em Beaumont.

Os metalúrgicos da Gerdau na América Latina, Estados Unidos e Canadá deram total apoio ao USW, o sindicato metalúrgico dos Estados Unidos que luta pelo fim do locaute na usina texana de Beaumont e a readmissão dos 300 funcionários que perderam seus empregos quando a Gerdau fechou a empresa por não concordar com a proposta de renovação do contrato de trabalho de seus empregados. O locaute é uma medida extrema admitida na legislação dos Estados Unidos e que propicia todo o tipo de atividade anti-sindical e de negação dos direitos trabalhistas.

Os delegados decidiram realizar ações de solidariedade internacional para pressionar a empresa a voltar á negociação. A contraproposta da Gerdau previa o aumento da jornada de trabalho e a diminuição dos salários. Os trabalhadores encontram-se, neste momento, valendo-se do seguro desemprego.

Das oito usinas da Ameristeel , o sindicato está presente apenas na metade delas. O problema se agrava pois as outras três usinas da Gerdau que contam com sindicatos estão prestes a renovar seus contratos e o USW teme que a empresa aplique os mesmos critérios e se valha da mesma manobra injusta.

O companheiro Fernando Lopes, secretário-geral da CFNM/CUT disse ao jornalista da FITIM que "estamos numa campanha de pressão à nível internacional, entre todos os trabalhadores da empresa. A FITIM vai nos ajudar para que todos os trabalhadores nos apoiem e se solidarizem com a nossa causa".

Segundo ele, "de 21 a 25 de novembro faremos uma jornada continental de luta, onde haverá mobilizações, reuniões, entrevistas coletivas no Chile, Argentina, Colômbia, Uruguai, Brasil, Estados Unidos e Canadá, para desse modo pressionar a empresa e obter uma solução benéfica para os trabalhadores".

"Se todos os trabalhadores do mundo começarem a falar e fazer pressão sobre este conflito na Gerdau, afetaremos a imagem da empresa e a Gerdau se preocupa muito com sua imagem. Além disso a empresa está gastando com a manutenção da fabrica em Beaumont e não existe produção , e por isso eu acredito que a empresa vá negociar". (JC) (FITIM, 10.11.2005)

## **Decisões do Encontro dos Trabalhadores da Gerdau**

Seguem-se as principais resoluções da nossa reunião em Buenos Aires:

- 1- Definido a criação do Grupo de Ação dos Sindicatos da Gerdau, reconhecido pela FITIM, que terá como tarefa principal:
  - a - socializar as diferentes condições de trabalho na empresa, as negociações , lutas a nível internacional;
  - b - coordenar ações de solidariedade internacional; lutar pela assinatura de um Acordo Marco Internacional com op Grupo Gerdau;
  - c - transformar-se em um comitê mundial dos sindicatos da Gerdau , reconhecido pela empresa , como interlocutor para a negociação dos AMI e do seu seguimento.
- 2- estabelecimento de uma jornada de luta na semana de 21 a 25 de novembro em solidariedade aos trabalhadores dos EUA. Nessa semana será distribuído um panfleto em todas as plantas da Gerdau, os sindicatos tentarão dar entrevistas coletivas , etc
- 3- a FITIM , enviará carta ao Presidente do grupo Gerdau, solicitando a imediata reabertura da fábrica de Beaumont e o estabelecimento de negociações construtivas com as demais plantas que negociam a renovação dos seus contratos.

- 4- A FITIM enviará carta a todos os filiados solicitando que eles enviem carta de solidariedade aos trabalhadores da Gerdau nos EUA e exigindo da empresa a imediata solução do problema
- 5- A CNM-CUT e a CNTM - Força Sindical, terão audiências com deputados federais e o Ministro do Trabalho, para cobrar ações acertadas quando da visita dos companheiros do USW no Brasil no fim de agosto.
- 6- traçar um plano para influenciar analistas de investimentos em Bolsa , mostrando o risco de investimento em uma companhia que não respeita os direitos dos trabalhadores. O USW vai fazer uma proposta para ser discutida com a CNM-CUT e CNTM- Força Sindical.
- 7- A CNM-CUT , vai fazer um estudo para uma campanha com outdoor's visando atingir a população em Geral, que será discutido a sua viabilidade com o USW.
- 8- Na reunião sobre os Acordos Marcos Internacionais, a ser realizado em SP nos dias 21 e 22 de novembro será estudado a possibilidade de usar pressionar algumas empresas que assinaram os AMI , para que exijam da Gerdau um outro comportamento no EUA.
- 9- A AFL-CIO estudará a possibilidade de usar o caso Gerdau em Beaumont durante o dia dos Diretos Humanos programado para dezembro
- 10- Realizar uma teleconferência em 17 de janeiro de 2006, para organizar o trabalho do Grupo de Ação criado na reunião
- 11- Realizar um encontro com representantes de sindicatos de todas as plantas da Gerdau em novembro de 2006

## **Briga da Gerdau nos EUA já dura seis meses**

Patrícia Nakamura De São Paulo

Sem que as negociações avancem, a queda-de-braço entre a Gerdau Ameristeel (subsidiária da Gerdau na América do Norte) e os funcionários da usina de Beaumont (Texas) completará seis meses neste sábado. As discussões entre o sindicato dos metalúrgicos local (filiados à central sindical americana AFL-CIO, com sede em Washington) e representantes da Gerdau já duram quase um ano, quando venceu o atual contrato coletivo dos 260 funcionários de Beaumont.

Os principais entraves da pauta são a redução salarial para os funcionários horistas e o corte de alguns benefícios, como planos de saúde. As reuniões para dar fim ao imbróglio seguem tensas, afirmou ao Valor Stanley Gacek, diretor de assuntos internacionais da AFL-CIO.

Com o recrudescimento das conversas, a companhia decidiu decretar locaute - em que não permite a entrada do funcionário do local de trabalho - em 26 de maio. Desde então, a fábrica suspendeu sua produção de aços longos. Sem salários, os empregados de Beaumont receberam ajuda de custo governamental nos últimos seis meses e, a partir de agora, passam a contar com uma pequena verba mensal do fundo de greve da AFL-CIO.

"Temos condições de oferecer ajuda aos trabalhadores por um longo tempo, até que encontrem solução para o problema. O movimento também conta com o apoio da comunidade local", afirmou Doug Niehouse, diretor-adjunto de estratégias da United Steelworkers (USW). Niehouse não informou quanto já foi gasto do fundo de greve.

A Gerdau informou, por e-mail, que "pelo menos 70% da pauta de discussões já está resolvida. Temos esperanças de que um acordo seja acertado o mais breve possível". O grupo refuta as acusações do sindicato de que as negociações caminham lentamente. Entre elas, a de que a Gerdau quer impor uma redução de até 25% no salário dos funcionários - que varia de US\$ 16 a US\$ 20 por hora. Representantes da Ameristeel afirmam que foi oferecido um aumento médio de 4,5% para os funcionários, além de propor a reformulação da estrutura de cargos e salários da usina.

"Essas mudanças permitirão que a unidade permaneça competitiva", informou na nota. Segundo a Gerdau, a paralisação já causou prejuízos de US\$ 7 milhões desde maio. A unidade tem capacidade de produção de 500 mil toneladas anuais.

Beaumont não é a única pedra no sapato da Ameristeel. Gacek, da AFL-CIO, também afirmou que as negociações seguem de forma "truculenta" em outras unidades da Ameristeel. É o caso de St. Paul (Minnesota) e Wilton (Iowa) que, assim como a usina texana, foram adquiridas em novembro do ano passado pela Gerdau da Cargill e faziam parte da sua controlada North Star Steel.

Os acordos trabalhistas dessas duas unidades venceram recentemente. Em Minnesota, afirmou a USW, a Gerdau propôs a redução do pagamento de horas extras e o cancelamento de benefícios como férias e descontos maiores do seguro-saúde. Já em Iowa, foi proposto um corte salarial de US\$ 4 por hora de trabalho. A Gerdau também teria se recusado a fazer novos depósitos no fundo de pensão dos funcionários. O caixa previdenciário já teria acumulado um rombo de US\$ 1,5 milhão.

"Os sindicatos de Iowa e Minnesota estão mobilizados e, caso as conversas ficarem tensas, uma greve pode ser decretada a qualquer momento", disse Niehouse. Por outro lado, a Gerdau afirmou que não pretende decretar locaute nessas duas unidades. A empresa informou também que o locaute em Beaumont foi considerado legal pelas autoridades americanas.

A aquisição das quatro usinas que pertenciam à Cargill - Beaumont, St. Paul, Wilton e Calvert City (Kentucky) - custou à Gerdau US\$ 266 milhões, além de assunção de dívidas de pouco mais de US\$ 30 milhões. O negócio foi considerado, na época, uma verdadeira pechincha, dado que os preços do aço batiam recordes sem precedentes. Cálculos de analistas mostraram que o custo de aquisição foi equivalente a US\$ 150 por tonelada, um preço 50% inferior ao que é pago por tonelada adicional de capacidade instalada. No caso de Beaumont, o barato pode acabar saindo caro. Além da longa paralisação, a fábrica texana foi atingida pela fúria do furacão Rita, que assolou parte do Estado do Texas no mês de outubro. (*Valor Econômico*, 22.11.2005)

## **Gerdau recebe primeira linha especial do BNDES**

Vera Saavedra Durão Do Rio

O grupo Gerdau será o primeiro cliente tradicional do BNDES a ser beneficiado com linha de crédito rotativo de R\$ 900 milhões aberta pelo banco para facilitar empréstimos a grandes grupos para os quais o histórico de crédito, nos últimos cinco anos, constatou risco pequeno. A proposta de concessão do crédito já foi encaminhada à apreciação da diretoria e deverá ser aprovada ainda este mês, apurou o Valor.

A nova linha foi criada em abril, quando o BNDES lançou o Programa de Agilização de Crédito para Investimento, e deverá beneficiar outros grandes grupos nacionais. Na prática, funciona como um cheque especial. Cada projeto a ser financiado, dentro do limite da linha, terá aprovação direta do diretor da área em que será feito o investimento. Isso vai acelerar a análise e a liberação dos recursos.

As regras que instituíram o programa fixaram um limite máximo de R\$ 900 milhões por grupo ou empresa. O prazo de pagamento tem um ano de carência e mais cinco de amortização. O custo é de TJLP mais "spread" básico de 3%, além de 1,5% de risco. E o prazo de utilização do dinheiro é de até cinco anos renovável por mais cinco.

O critério de escolha do Gerdau pelo BNDES para estreitar a linha foi baseado no seu histórico de grande investidor no setor no Brasil e no exterior, e no fato de o grupo ter muitos projetos no banco. Os últimos três aprovados no BNDES - usina de Araçariguama (SP), modernização das dez unidades instaladas no país e implantação do laminador de fio-máquina na Gerdau Açominas - totalizaram investimentos de R\$ 1,2 bilhão. O banco financiou R\$ 515 milhões.

O grupo beneficiado com o programa de limite de crédito poderá usá-lo para a compra de máquinas e equipamentos, reforma de alto-forno, gastos com projetos de pesquisa e desenvolvimento, atualização tecnológica e de tecnologia da informação, aumento de produtividade e capital de giro. Neste último caso, para uso exclusivo em projetos de implantação e ampliação da capacidade produtiva. (*Valor Econômico*, 26.10.2005)

## Real é a moeda que mais se fortalece

Colunista Cristiane Perini Lucchesi

O real é a moeda que mais se fortalece no mundo neste ano. A expectativa de analistas é de que, sem uma atuação mais decisiva do Banco Central brasileiro, o câmbio continue a ganhar valor, pelo menos no curto prazo. A moeda brasileira vem se fortalecendo em 2005 não apenas contra o dólar, iene e euro. É a moeda que mais ganhou valor real na comparação com o câmbio de outros importantes países emergentes. O valor nominal do dólar caiu 18,46% contra o real neste ano. O euro teve desvalorização de 30,05% contra o real e o iene, de 29,29%. Levantamento da economista-chefe da Mellon Global Investment, Solange Srour, mostra que o real foi a moeda que mais ganhou valor descontada a inflação na comparação com o peso mexicano, o rublo russo, o dólar australiano, a lira turca e o rande sul-africano. Ela apurou a cotação das moedas de cada país em relação a uma cesta de moedas dos seus principais parceiros comerciais. As moedas dos países foram deflacionadas pelo índice de inflação ao consumidor e a dos parceiros comerciais, pelo índice de inflação ao produtor. A economista usou o dia 1 de janeiro de 2004 como base 100 para seus cálculos. Pelos seus números, a cesta de moedas perdeu 30% de seu valor na comparação com o real, mas apenas 5,79% na comparação com o rande, 8,53% em relação à lira turca, 1,25% na comparação com o dólar australiano, 11,34% contra o rublo russo e 4,32% em relação ao peso mexicano.

Solange Srour lembra que o Brasil, entre todos os países emergentes analisados por ela, é um dos únicos que tem superávit de conta corrente. O México, que tem déficit comercial, tem saldo negativo em transações correntes de 1,4% do Produto Interno Bruto, a Austrália, de 7%, e a Turquia, de 6%. Ela não nega que os juros reais altos, em torno de 14% ao ano, contribuem de forma importante para a valorização da moeda brasileira. É esse juro que tem atraído o investidor externo ao mercado de câmbio brasileiro, montando posições vendidas na Bolsa de Mercadorias & Futuros de US\$ 8,4 bilhões no dia 10, um aumento de US\$ 1,66 bilhão somente neste mês. Mas o saldo positivo comercial forte e captações externas de empresas, que estão adiantando o financiamento que seria realizado em 2006, também têm contribuído de forma determinante para a valorização cambial, argumenta ela. Para a economista-chefe da Mellon Global Investment, mesmo que os juros básicos nominais caiam dos 19% ao ano para 16%, ainda assim a valorização do real não seria contida. "Não vejo nenhum evento no curto prazo capaz de alterar o quadro de liquidez internacional de forma a reverter essa tendência", diz.

Nesta semana, no entanto, os investidores devem ficar atentos à divulgação do índice de inflação ao consumidor (CPI) nos Estados Unidos. Esse índice vai mostrar se o Fed, banco central americano, vai manter o ritmo de alta de 0,25 ponto percentual no juro básico americano por reunião, hoje em 4% ao ano. O movimento do Banco Central brasileiro também precisa ser observado. Depois de compras estimadas em US\$ 2 bilhões nos oito dias úteis deste mês no mercado à vista, que não impediram a desvalorização de 3,95% no dólar em novembro, para R\$ 2,1640, seu menor valor desde abril de 2001, a autoridade monetária agora ameaça voltar com o swap reverso, a compra de dólares no mercado futuro. Pelas novas regras, o BC pode anunciar hoje leilão para quarta-feira.

Juros caem com produção menor

Os juros futuros, que começaram o mês em forte queda, também devem manter a tendência, por causa dos números fracos sobre o desempenho da economia. Após a queda de 2% na produção industrial de setembro, os economistas já começam a rever seus números para outubro diante dos primeiros sinais disponíveis. Solange Srour acredita em crescimento nulo ou queda de até 0,4% na produção da indústria no mês passado. A meta do Banco Central, de crescimento do PIB de 3,4% neste ano, já se torna impossível e a economista se pergunta se o crescimento econômico conseguirá chegar até mesmo em 3% neste ano, o que ela acredita que não.

Por isso, ela não descarta um corte maior do que o 0,5 ponto percentual nos juros básicos por reunião nas últimas duas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) neste ano. Na sexta-feira, os juros projetados pelos contratos de vencimento em janeiro de 07, os mais negociados, foram a 17,13% ao ano, uma queda com relação aos 17,16% ao ano do dia anterior e aos 17,56% ao ano do final do mês passado. Cristiane Perini Lucchesi é repórter de finanças. (*Valor*, 14.10.2005)

## Setor financeiro perde espaço para a produção

Cláudia Trevisan, da Reportagem Local

O terremoto que abalou a Argentina em 2001 mexeu com a estrutura da economia: reduziu o peso do setor financeiro e aumentou o da produção de bens, especialmente o destinado à exportação. Estudo do Ministério da Economia da Argentina mostra que a contribuição da intermediação financeira para o crescimento do PIB foi negativa em 7,2% no período 2003-2004, após ter atingido 13,8% entre 1996-1998.

A queda na intermediação financeira foi a principal responsável pela redução de 66% para 48% da contribuição do setor de serviços para a expansão do PIB. A produção de bens saltou de 34% para 52%.

Segundo o estudo, o setor financeiro teve uma expansão excessiva nos anos 90, e a atual composição do crescimento é "qualitativamente" distinta da anterior.

No período 2003-2004, a intermediação financeira foi o único componente que apresentou retração. A indústria deu a maior contribuição ao crescimento, com 29,7%, seguida do comércio (21%) e da construção (17%).

A atividade financeira foi uma das mais afetadas pela crise e está longe de recuperar os níveis que possuía antes do congelamento dos depósitos, no fim de 2001, e do default da dívida. Em meados de 2005, o volume de depósitos nos bancos estava em US\$ 32,1 bilhões, menos da metade dos US\$ 73,7 bilhões de junho de 2001.

A quantidade de empréstimos se recupera em ritmo ainda mais lento e era de US\$ 16,6 bilhões em julho, volume equivalente a menos de um terço dos US\$ 58,5 bilhões de três anos antes.

"À diferença do que ocorreu na década de 90, quando a conjunção de valorização cambial e desmedida liberalização comercial desarticularam progressivamente o tecido industrial, nos últimos anos a economia está assistindo a um importante processo de reindustrialização", diz o estudo. Nessa transformação, a manutenção do peso desvalorizado, na relação de 3 pesos para US\$ 1, é crucial.

No Brasil, a política de juros altos aliada à entrada de dólares provocada pelo superávit comercial tem levado à valorização do real em relação ao dólar. Na sexta-feira, a moeda norte-americana fechou em R\$ 2,23.

Apesar dos contrastes entre as políticas dos dois países, há um grupo no governo brasileiro, do qual faz parte a ministra Dilma Rousseff, que defende um pouco mais de inflação para dar espaço a um maior crescimento. (CT) *(Folha de S.Paulo, 19.11.2005)*

## Visita Internacional ao Integrar

**Sindicato dos Metalúrgicos e Educandos do Integrar recebem visita internacional**



O assistente do representante da Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas - FITIM, o angolano Kapita Tuwizana, aproveitou sua passagem pelo estado para participar do Encontro Internacional de Educação, e conheceu as turmas de Inclusão Digital e Ensino Fundamental do Instituto Integrar em Porto Alegre. O encontro ocorreu dia 14, à noite, na Escola Técnica Mesquita, que pertence ao Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre. Os educandos fizeram uma apresentação especial da cidade de Porto Alegre, incluindo músicas da região.

Também aproveitaram a ocasião para conhecer um pouco mais sobre o continente africano, mais especificamente a Angola, através do representante nato. Tuwizana sentiu-se bem recepcionado pelo público de mais de 100 pessoas que participaram da atividade. "É bom conhecer um pouco mais sobre o movimento sindical metalúrgico brasileiro e interagir com os educandos do Integrar" concluiu. Além dessa participação, Tuwizana teve uma intensa agenda com o movimento sindical metalúrgico pelo estado. *(Informativo do Instituto Integrar, Porto Alegre, nº 09, 21.11.2005)*

**CNM-Internacional** é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes

[internacional@cnmcut.org](mailto:internacional@cnmcut.org)

<http://www.cnmcut.org.br>